

A HISTÓRIA E O ESTRANHO*

Luiz A. M. Celes**

O capítulo V de *A interpretação dos sonhos*, dedicado à elucidação do material e das fontes do sonho, após discutir a presença, no sonho, de material atual indiferente, de material recente significativo e de material antigo significativo, permite-nos, em suas últimas seções, perguntar pelo modo de presença desse material antigo (infantil) significativo e, na terminologia metapsicológica, reprimido. É nessa condição que se encontra o desejo despertado no sonho e que, então, se faz fonte do sonho.

Dizendo que na alma *existem* desejos reprimidos, Freud (1900 a [1899]; p. 247) acrescenta: “A expressão ‘existem’ não a entendemos no sentido histórico, a saber, que tais desejos estiveram dados e depois se os aniquilou (...) tais desejos seguem existindo, mas ao mesmo tempo uma inibição pesa sobre eles”.

Desse modo, o antigo, o infantil, continua existindo de maneira não-histórica, presentifica-se mesmo por sua não-historicidade. Mais à frente, Freud (ibid.; p. 259) completa: “Não estão mortos [os desejos antigos] como entendemos que o estão nossos defuntos, senão como as sombras de *A Odisséia*, que, tão logo bebem sangue, despertam para uma certa vida.”

Presentifica-se o infantil por sua não-historicidade e de maneira não-histórica, tem uma certa vida, é esta vida que pode ser retomada no sonho, por exemplo. Aliás, Freud o diz explicitamente, vida a que “pode o sonho fazer retroceder todas as noites” (ibid.; p. 255).

Finalmente Freud (ibid.; p. 257) completa: “A essência mais profunda e eterna da humanidade, que o poeta conta poder despertar em seu auditório, são aquelas moções da vida da alma que têm sua raiz na infância que depois se fez pré-história”.

Tomo a expressão ‘pré-história’, introduzida aí por Freud, para conduzir nosso percurso.

* Este artigo é parte de um trabalho mais extenso que tenho desenvolvido sobre a função do tempo na elaboração psicanalítica freudiana. A seção aqui destacada propõe uma compreensão da concepção de história na psicanálise freudiana, que gostaria de trazer mais imediatamente à reflexão pública, em face do seminário sobre o ‘estrangeiro’ realizado no segundo semestre de 1994, na PUC-SP.

Para o título, inspirei-me em histórias bastante familiares, como *A bela e a fera* ou *O médico e o monstro*.

** Psicanalista, doutor em Psicologia Clínica, professor da UnB.

'Pré-história' se opõe à história, primeiro no sentido de que naquela não há história; trata-se propriamente de um tempo mítico, onde o tempo histórico não está presente, onde não se pode mais pensar com os parâmetros temporais habituais de nossa história. Mas é também uma pré-história que pode ser despertada, condição com a qual conta o poeta, é este despertar que nos proporciona toda noite o sonho. Como o desejo que existe em sentido não-histórico, a pré-história tem para Freud o sentido do que *permanece*, e que permanece como pré-história, quer dizer, como o que não se deixa submeter à história, não se deixa modificar nem morrer: insiste como uma mesma coisa sempre; permanece, não obstante a história. Como tal, 'pré-história' não se deixa fazer história, está lá, como que em um tempo irrecuperável.

De um segundo modo, 'pré-história' se opõe à história, no sentido que, confrontada com esta, aquela permanece antiga: é anterior à história. Dessa maneira as moções infantis, a infância, o antigo permanecem existindo, mas com as marcas de sua antiguidade. Permanecem com uma marca distintiva de tudo o mais que, para a psique é atual, está igualmente presente. Isto é, afinal de contas, o que sustenta Freud (1918b [1914]; p. 48) em sua formulação metapsicológica, e que, inclusive, o faz rejeitar a hipótese (de outro modo sustentada por Jung, por exemplo), segundo a qual as fantasias da infância seriam simples construções do adulto transpostas para a infância. Apon-tamos, segundo essa perspectiva, um modo de presença positiva do parâmetro da temporalidade na metapsicologia freudiana, e não somente no modo negativo da definição do inconsciente como atemporal. Pois abra-se mão dessa marca positiva da pré-história como pré-história, dessa marca positiva do recalcado como antigo, e se estará em face de uma impossibilidade de análise, na especificidade que lhe dá a psicanálise. Até mesmo se perderia a especificidade da psicanálise!

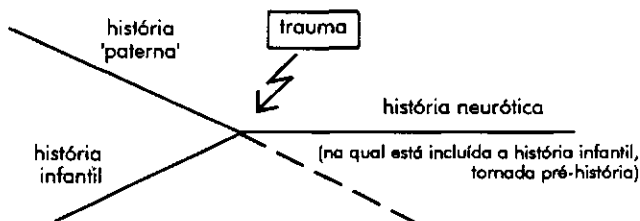
Chama-nos a atenção, ainda, a última frase de Freud citada, que diz: "infância que depois se fez pré-história". O verbo dessa frase indica uma mudança de condição, a saber, a "infância", no seu tempo, não foi pré-história, ao contrário, fez-se pré-história. Quer dizer, em seu tempo, ela foi história. "Depois", o advérbio temporal usado por Freud, "se fez pré-história". Há, portanto, um tempo de conversão dessa infância, a seu tempo história, em pré-história. Com esse advérbio temporal 'depois', Freud parece colocar-nos diante da idéia de uma história que transforma uma outra história em pré-história. Como se num determinado e hipotético tempo, uma história que se inicia faz, da história até então, pré-história. Mas esta idéia ainda é muito simples. Freud usa o verbo 'fazer' num sentido reflexivo, que nos permite traduzir a frase para: história que depois se faz pré-história. Quer dizer, esse sentido de uso reflexivo que faz Freud do verbo parece apontar para a particularidade de que a história que converte a história em pré-história é, afinal, a mesma história que a história convertida em pré-história.

Vale a pena estendermos estas reflexões para indicarmos dois caminhos de elaborações que esta passagem freudiana pode ensejar.

1. A primeira perspectiva de reflexão refere-se a uma história que transforma outra história em pré-história. Pensaríamos, assim, em duas histórias: a história infantil, depois transformada em pré-história; e a história-causa dessa transformação. Um processo que pode ser entendido seja pensando-se na hipótese de que duas histórias se interceptam, transformando a primeira e continuando a segunda como esquecimento da primeira, seja pensando-se na hipótese de que num determinado momento uma segunda história se inicia, transformando a primeira. Vejamos.

1.1. A idéia de uma história que é interceptada por outra, transformando a primeira, é, não obstante sua simplicidade, o que especificamente está explicitado na primeira teoria do *trauma*. Esta é a teoria que deu sustentação à primeira compreensão psicanalítica das psiconeuroses (a 'neurótica', como Freud com muito mau gosto a designou em uma carta a Fliess). O trauma, então, é pensado como efeito de alguma coisa estranha, alheia ao sujeito e mesmo objetivamente alheia, como efeito da interseção de uma outra história sobre a história infantil. É a posição dada à sedução paterna, por exemplo. Assim, o destino neurótico do sujeito é pensado como produto dessa violência, dessa objetividade da sedução.

Dessa maneira formulada, a coisa ainda está muito parcial. É certo que tal modo de explicação permitiria a concepção de todo um aparato profilático; excluiria, por outro lado, qualquer possibilidade de 'cura' analítica. O sentido do progresso de Freud já denuncia essa compreensão parcial, pois foi a cura analítica que lhe permitiu construir a primeira explicação da psicose. Ela mostra, afinal, que a história objetivamente alheia termina por constituir-se em história própria, da qual, não obstante, o sujeito se defende, recalando, transformando sua história em pré-história. Poderíamos dizer que há, nessa perspectiva, dois efeitos dessa interseção de histórias. Primeiro, e o que está diretamente indicado por Freud, a transformação da história infantil em pré-história. Trata-se de um processo de defesa que busca eliminar o estranho dessa interseção, mas que, pela defesa, *constitui estranha* (isto é, faz pré-história) a própria história infantil. Segundo, esse estranho que, agora, habita a própria história, transforma esta história, dá-lhe, por exemplo, o destino neurótico. Um esquema:



De qualquer maneira, estamos diante de uma concepção do trauma como efeito de uma objetividade propriamente alheia à história infantil.

1.2. A hipótese, segundo ainda o primeiro modo de compreensão da passagem

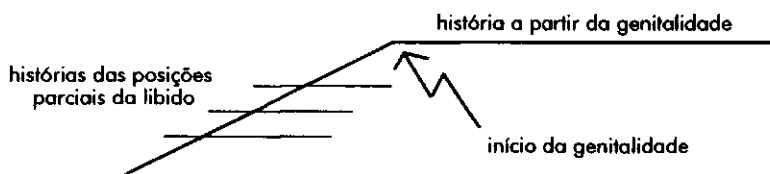
de *A interpretação dos sonhos* que estamos discutindo, uma história alheia segundo a qual não intercepta a história infantil, mas, sim, num determinado momento uma outra história se inicia, como história própria, e transforma a história de até então em pré-história. Esta hipótese pode ser exemplificada com a teoria do desenvolvimento libidinal, tal como dela Freud (1916-1917; p. 299) nos dá um resumo:

... que a vida sexual – o que chamamos a função libidinal – não emerge como algo acabado, tampouco cresce semelhante a si mesma, senão que recorre a uma série de fases sucessivas que não apresentam o mesmo aspecto; é, portanto, um desenvolvimento retomado várias vezes, como o que vai da crisálida à mariposa. O ponto de virada desse desenvolvimento é a subordinação de todas as pulsões parciais sob o primado dos genitais e, com isto, o submetimento da sexualidade à função da reprodução.

O 'Caso Dora', ainda que tenha sido elaborado segundo um momento inicial da teoria do desenvolvimento libidinal, talvez originário, é, por isso, exemplar a respeito. Nesse momento, a primeira teoria das psiconeuroses (a 'neurótica') está abandonada por Freud, ainda que não publicamente. Trata-se, então, de entender a função traumática segundo outros modelos que não o da sedução (mesmo que seja possível apontar a presença desse modelo no 'Caso'). Como mostramos em outro lugar (Celes, 1991), a causa da neurose é, então, creditada por Freud ao surgimento da genitalidade, entendida como última posição do desenvolvimento libidinal. Esta última convulsão vulcânica² adquire o estatuto de um verdadeiro estranhamento, capaz, inclusive, de reorganizar (ou 'reorganizar') a história do desenvolvimento corrente, mesmo que esta seja já entendida de modo multifacetado e parcializado. Mas há, diz Freud (1905e [1901]; p. 51, n. 45 e p. 77), uma condição para que o surgimento da genitalidade, da libido genital, tenha um efeito traumático (atentando-se para o fato de que nesse caso e nessa passagem, o conceito de trauma não é usado por Freud): a condição de que o gozo genital seja prematuro. Quer dizer, o efeito traumático do surgimento dessa nova história, a da genitalidade – e, claro, história das experiências que tornam a libido genital em genitalidade vivida –, apóia-se sobre numa condição temporal, mais precisamente, sobre a antecipação da experiência genital³.

Em resumo, encontramos-nos diante do seguinte quadro: a) as posições libidinais podem ser entendidas como inícios de novas histórias, que, se não transformam as anteriores, permitem que elas permaneçam; melhor, não as afetam. O 'desenvolvimento libidinal' não tem, assim, um estatuto desenvolvimentista, como se fosse o crescimento de uma mesma coisa sempre, mas é entendido como feixes de histórias parciais, cada uma delas estendendo-se diacronicamente e relativamente independentes umas das outras; e b) não é esta completamente a posição da genitalidade (pelo menos não no 'Caso Dora'). No 'Caso Dora' e na citação acima transcrita (de 1916-1917), ela

aparece como uma possibilidade de reestruturação das parcialidades anteriores – ela não é, desta maneira, tratada como parcial e tem um momento próprio de surgimento. Nesse sentido, a genitalidade tem uma função sintética, sendo capaz como que de estruturar as parcialidades das posições libidinais anteriores, capaz de constituir, verdadeiramente, história. Que essa história se constitua como estranhamento, incluindo um estranhamento das posições anteriores, aparece como possibilidade efetiva. Dessa maneira, não a libido, ou a pulsão (usando uma terminologia mais tardia de Freud), se constitui como o acontecimento traumático, mas o tempo de seu surgimento: é estranha a genitalidade, a vivência genital, o gozo genital prematuro, isto é, antes do tempo apropriado. Um esquema poderia ser assim proposto:



2. O segundo modo de compreensão da passagem freudiana de *A interpretação dos sonhos* que apontamos acima é a que realça o uso reflexivo do verbo ‘fazer’ (“história que depois se fez pré-história”), e traz o entendimento de uma estranheza própria à história infantil, realizando, em consequência, uma dificuldade de se manter a distinção entre sujeito e objeto, entre subjetivo e objetivo. Trata-se de incorporar à história infantil uma estranheza que lhe seja própria. Dito de maneira mais apropriada, diz de um *estranhamento* inerente à história infantil. Como se no primeiro modo de compreensão delimitado, a sua primeira hipótese (1.1.) reverberasse na segunda (1.2.), ou se incluísse na segunda, de tal maneira a entender que a história mesma do sujeito passa a ter ela um caráter de estranheza, de alheamento. Só que não mais um alheamento objetivo, mas somente objetivável pelo próprio processo de recalque, ao qual, no entanto, se paga um preço, o da neurose. Vejamos.

Caricaturando um pouco a crise da primeira teoria das psiconeuroses⁴, e da primeira teoria do trauma, nela implicada, é bem este passo que, então, se impõe à compreensão freudiana: a compreensão de que a sedução não tem o estatuto de uma objetividade alheia, mas que é expressão da própria fantasia infantil. Mas uma fantasia que, nem por isso, deixa de ser traumática, deixa de ter seu caráter de estranheza, de estrangeiro – um estrangeiro que faz parte da própria história infantil, ou, dito ao contrário, uma história estrangeira a si mesma.

Todos sabemos da historinha que Freud, na época, conta a Fliess, justificando essa crise: não acredito que tantos pais assim, dentre eles o meu, sejam tão perversos a ponto de ficarem seduzindo suas filhinhas... as filhinhas o são. A sexualidade, a sexualidade infantil é a verdadeira responsável pela neurose. É ela que se constitui no

estranho radical à história do 'sujeito', mas é nela que se constitui a história, isto é, a história de que se trata é a história sexual que é, ela mesma, estranha, estrangeira.

Mas nem a crise da primeira teoria das psiconeuroses e nem a introdução da sexualidade infantil, como já apontamos acima, articulam de vez e completamente essa concepção de um estrangeiro *próprio e originário*. Essa crise da primeira teoria do trauma e o debater-se de Freud com ela⁵ são reveladores de suas amplas conseqüências na compreensão psicanalítica de como, poderíamos dizer assim, o homem se existencializa. Pois ela parece abrir as questões da compreensão psicanalítica da história, da história própria, do estatuto do sujeito, da alteridade e do objeto, em psicanálise. Não nos parece nem mesmo difícil, ainda que trabalhoso, mostrar o esforço freudiano em articular, compreender ou simplesmente expressar o que aí se anuncia, seja na perspectiva da clínica (refiro-me mesmo às histórias clínicas), da técnica, da metapsicologia ou das teorias da sexualidade⁶. Mantendo-me fiel ao objetivo desse artigo, somente aponto para uma das direções da elaboração freudiana que me parece representativa dessa compreensão da estranheza própria e originária da história infantil.

No âmbito da elaboração da questão da sexualidade, parece-me significativa dessa compreensão a introdução daquilo que Freud chama "organização genital infantil". A organização genital infantil como uma interpolação à teoria da sexualidade é relativamente tardia na obra freudiana, data de 1923 (Freud, 1923e; p. 141). No entanto, já o 'Caso Homem dos Lobos', escrito em 1914, portanto quase dez anos antes, se apóia completamente na questão da 'castração', articulando plenamente a compreensão da genitalidade infantil. O que me parece absolutamente essencial e característico dessa noção de genitalidade infantil não é a simples idéia da presença da genitalidade na infância, mas sim a de que ela é infantil, isto é, *parcial*: ela adquire a significação ou o estatuto de *sexualidade parcial*.

Freud não usa, pelo que possa lembrar-me, essa expressão para designar a genitalidade infantil; quase que se nos impõe, então, como tarefa, mostrar seu caráter parcial na compreensão freudiana. Aqui não vamos senão fazê-lo de maneira indicativa. Basta lembrar, e com ela todas as suas conseqüências, a sua qualidade exclusivamente fálica, tão essencialmente marcada por Freud, distinguindo-a do que seria a sexualidade genital dita adulta. Em outra direção, mas no mesmo sentido, a preocupação, que a partir de então se impõe a Freud de compreensão da sexualidade feminina, ou, mais propriamente falando, da constituição da feminilidade, mostrar que muito antes de a genitalidade ter a função sintética a serviço da reprodução, como apontamos no item 1.2. acima, ela é, ela mesma em sua origem, parcial, infantil.

O fator de distúrbio da genitalidade deixa de ser a sua antecipação temporal. Agora, com a antecipação estrutural da genitalidade, qualquer tempo é tempo de seu surgimento: constitui-se estranho não mais a sua antecipação, mas o seu surgimento — é estrangeira a sua presença.

Por outro lado, é a perda de um ponto de apoio fundante que permita continuar falando de história o que parece se impor de maneira imediata, mais precisamente, a perda de um ponto de síntese das histórias da sexualidade infantil. A genitalidade, tornada parcial, perde essa função originária. Radicaliza-se o que vínhamos discutindo no item anterior. Como falar de história a respeito de uma multiplicidade de vivências parciais, que se organizam apenas de maneira parcial? Como conciliar a noção de história com essa característica, tão precisamente apontada por Freud, como sendo o polimorfismo da sexualidade infantil e – veja-se o ‘Caso Homem dos Lobos’ – das vivências infantis? Teríamos que pensar em uma diversidade de histórias, em histórias parciais.

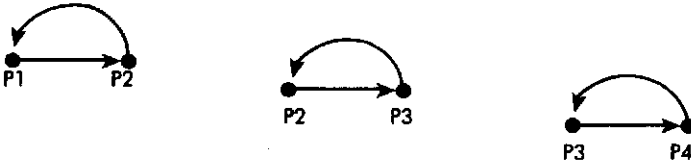
A coisa, no entanto, não é tão simples assim, pois trata-se, na psicanálise, também de dar conta da sexualidade dita adulta e esta, de alguma maneira, apresenta um caráter sintético e unificado. No curto texto de 1923, ‘A organização genital infantil’, Freud traz, logo nas primeiras duas páginas, essa discussão. Opondo-se à sua idéia anterior de que somente na puberdade se daria o primado dos genitais e com isso a unificação das pulsões parciais, ele completa:

Hoje já não me declararia satisfeito com a tese de que o primado dos genitais não se consuma na primeira infância, ou o faz somente de maneira incompleta. A aproximação da vida sexual infantil à do adulto chega muito além, e não se circunscreve à emergência de uma eleição de objeto. Ainda que não se alcance uma verdadeira unificação das pulsões parciais sob o primado dos genitais, no apogeu do processo de desenvolvimento da sexualidade infantil o interesse pelos genitais e a atividade genital adquirem uma significatividade dominante, que pouco vai atrás da idade madura. (ibid.; p.146)

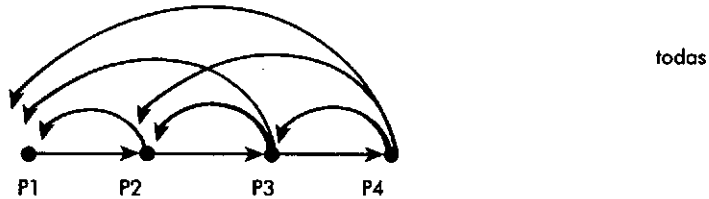
Uma dupla condição parece ser dada à genitalidade infantil: a de parcialidade e a de primazia, definindo-se sua propriedade e estranheza. O valor de estranheza dessa sexualidade se exterioriza, diz Freud (ibid.; p.146), “como esforço de investigação, como curiosidade sexual”. Se *história* é o que é da ordem da significação, ganham importância as fantasias assim construídas, pois são o que dão significações às vivências⁷. Mais precisamente, ganha importância aquilo com que Freud muito cedo se preocupou, as ‘teorias sexuais infantis’, que, por suas características, são parciais, constituindo-se em sucessivos motivos de estranhamento, de retornos, de correções, e jamais superadas cabalmente (aptas a fazerem-se pré-histórias).

Se tomarmos o texto do ‘Caso do Homem dos Lobos’ como expressivo a esse respeito, percebemos como as diversas histórias vão se constituindo e se interceptando como que numa espécie de auto-estranhamento, segundo uma temporalidade bastante característica de ressignificações e retornos, de tal maneira que poderíamos propor os seguintes esquemas:

Pulsões parciais uma a uma



Onde: P1.... P4 = pulsões, ou mais precisamente, experiência de satisfações pulsionais.
Ou podemos representá-las em conjunto, assim:



Retomando a outra direção de reflexões que a passagem de *A interpretação dos sonhos* que estamos tomando como *mote* permite, apontamos alguns sentidos de desenvolvimentos que o advérbio temporal usado por Freud enseja, mais precisamente, retomamos a idéia de que ‘depois’ uma história se transforma. Este advérbio nos conduz à idéia ou ao conceito que na passagem-*mote* não está propriamente explicitado, o conceito de ‘posterioridade’ [*Nachträglich*].

Esse conceito, associado à teoria do trauma, conduz-nos ao recalque, e bem precisamente ao recalque em sua acepção de recalque primário e recalque secundário. Para somente sugerir indicando desenvolvimentos possíveis, conviria indicar, segundo a primeira teoria do trauma, na qual a idéia de recalque primário não está propriamente presente, a função dessa posterioridade como efetivamente um ‘só depois’ do efeito do confronto traumático. Teríamos que distinguir a ‘experiência’ de ‘trauma’, e talvez acrescentar a noção de ‘cena’ para marcar a transformação da “experiência” histórica em cena traumática pré-histórica. Teríamos que estabelecer ainda a função propriamente do inconsciente enquanto condição para o trauma, isto é, para a transformação posterior da história, isto é, da experiência, em pré-história, isto é, em ‘cena’. Condição de inconsciência esta que Freud (1896a, p. 139; 1896b, p. 157; 1896c, p. 185) estabelece, ainda no interior de sua primeira teoria traumática.

Em seguida, trataríamos de aproximar a concepção propriamente antitética de ‘posterioridade’, para o que nos alerta Mahony (1992) (para-frente-para-trás – tal como representamos no último esquema, acima), à conceituação do recalque como, diz Freud no texto sobre o caso Schreber, delineado em três fases: recalque primário (que em certo sentido parece poder ser aproximado à condição de inconsciência da primeira teoria do trauma); recalque propriamente dito (que poderia ser aproximado ao efeito

traumático propriamente dito, na primeira teoria do trauma), e retorno do recalçado (que poderia ser aproximado à idéia da permanência, afinal de contas, da história transformada em pré-história, que, como tal, se faz repetir, isto é, permanece atual, presente. Melhor dizendo, o retorno do recalçado pode ser aproximado ao efeito da impossibilidade de historiação – ou temporalização⁸ – do que se transformou em pré-história).

Não estou, com essas aproximações, procurando garantir a unidade da psicanálise, apontando idéias ‘precursoras’ das posteriores conceituações freudianas, nem o inverso. Não é este tipo de reflexão que me ocupa aqui. Sabe-se que ‘recalque primário’ não se encontra na posição de simples conceituação ou simples explicitação da ‘condição de inconsciência’ da primeira teoria do trauma. No entanto, ambos apontam para a mesma direção e sentido: para a compreensão de que antes mesmo de se estabelecer um estranhamento traumático propriamente dito, que se dá, no mínimo, em dois tempos – no que a idéia de posterioridade como um ‘só depois’ ganha pleno sentido – há uma estranheza originária à sexualidade, ou dito de maneira mais precisa, embora de alcance mais amplo, uma estranheza originária à atividade pulsional. Esta compreensão leva-nos, mais uma vez, à tarefa de apontar para o fato de que a idéia de “uma história que se faz pré-história” não é suficiente para dar conta do que se passa na psicanálise. A estranheza originária carrega a idéia de que não há uma história originária a ser transformada em pré-história; ou carrega a idéia de que toda história constituída se faz sobre um estranhamento originário, que em relação à história estará sempre na ‘posição crítica’ de pré-história. Que não se entenda esta “posição crítica” no sentido de uma outra significação constituinte, mas crítica à insuficiência de sentido de qualquer história.

Estas tarefas nos conduzem à aproximação entre análise e metapsicologia, precisamente por meio da subversão temporal realizada no conceito de posterioridade, que leva à compreensão da história do sujeito em análise, e assim, a uma espécie de teoria psicanalítica da temporalização, e à compreensão ou à possibilidade de explicação metapsicológica dos destinos da história do sujeito, ou dos destinos subjetivos, por meio do conceito de recalque. Um tal desenvolvimento permitir-nos-ia propor a tese de que o parâmetro temporal é mediação entre análise e metapsicologia.

Percebemos, então, que este modo de presença não-histórica do remoto, do infantil, supõe, precisamente, a sua presença infantil, isto é, não-historicizada, não elaborada historicamente, e que nisso se funda, propriamente falando, a idéia ou a definição da atemporalidade do inconsciente. Mas supõe, igualmente, um modo de presença distinto daquilo que estaria presente no sentido histórico, portanto presentemente ausente.

No entanto, o texto freudiano está de tal maneira marcado pela elaboração disso que se apresenta de maneira não-histórica que fica difícil estabelecer ou articular aquilo cuja presença seria histórica. Ora, se a história é aqui o parâmetro usado por Freud para marcar a outra presença, a presença do infantil, do pré-histórico, aquilo que

é histórico não é aparentemente possível de ser marcado no texto freudiano. Dessa maneira, aquilo que é da ordem histórica se nos apresenta como uma presença suposta e não propriamente elaborada, elucidada quanto à sua presentificação.

Podemos fazer uma pequena comparação para esclarecer isto. Aquilo que é historicamente presente para os sujeitos aparece-lhes como certeza imediata. Lembranças de suas experiências se lhes aparecem como passadas, mais ou menos precisamente localizadas no tempo, realizadas, numa palavra, se lhes aparecem como *lembranças*. E nós sabemos quanto trabalho se faz necessário para que os sujeitos rompam com esta crença até chegar a perceber que pelo menos parte dessas lembranças não são propriamente lembranças, mas têm uma vigência atual, como não-históricas. A elaboração freudiana, ao contrário, empenhada que está na elucidação da presença não-histórica das experiências remotas dos sujeitos acaba tomando como suposta, isto é, deixando não elaborada, não elucidada, o que seria da ordem da presença histórica dessas experiências. Assim, do ponto de vista da elaboração psicanalítica, isto que é designado 'presença histórica' está latente em relação àquilo que é chamado de presença não-histórica. Se nos é permitido usar a terminologia psicanalítica para esclarecermos (ou analisarmos) a própria psicanálise, diríamos que o histórico na psicanálise é o recalcado. No sentido de que sua vigência na elaboração psicanalítica só é apreensível como resultado de um trabalho, trabalho que será de análise.

Outro passo na direção da compreensão da história em psicanálise parece-me importante.

Precisamente por volta da época da análise do 'Homem dos Lobos', Freud introduz o conceito de narcisismo. É notável que Freud desloque para o narcisismo a função de unificação antes plenamente dada à genitalidade. É também com o narcisismo que a psicanálise mete-se, como se diz, em maus lençóis, pois acarreta a compreensão de uma espécie de monismo pulsional que contradiz o que me parece ser o ganho fundamental da psicanálise, a saber, a tese do conflito como originário⁹; nos termos que estamos empregando neste artigo, podemos dizer, a tese de uma *originária estranheza*. Sabemos que Freud somente recupera de maneira plena a concepção do dualismo pulsional com a introdução da pulsão de morte. O que a leitura de *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920g; p. 1) traz-me de mais instigante e original é a idéia de que a pulsão de vida se constitui no verdadeiramente estranho, estrangeiro, em face da morte. Ora, uma compreensão assim não é inócua, pois permite-nos entender, por exemplo, que a angústia, em sua radicalidade e origem, se dá diante da vida, isto é, da pulsão de vida, mais precisamente, da pulsão sexual. Por isso, sempre que se pensa no estrangeiro em psicanálise, se o pensa originário, constituinte ou familiar. Acrescente-se a isso o fato de que o sexual na concepção psicanalítica é introduzido pelo outro e é do outro, e reencontramo-nos com a vigência da teoria do trauma, só que trauma constitutivo e não como desvio, erro ou distúrbio.

Notas

1. Pretendemos desenvolver em texto próximo o tema da positividade do antigo no presente, tomando por objeto a narrativa de uma análise, a do 'Homem dos Lobos'.
2. Lembro-me de uma das muitas imagens que Freud utiliza para instigar nossa compreensão do desenvolvimento libidinal. Em uma delas, mesmo não me lembrando da referência, as diversas posições libidinais ou fases do desenvolvimento libidinal são ilustradas como convulsões de um vulcão cujas larvas, jogadas umas sobre as outras, se sedimentam em camadas que permanecem.
3. Percebe-se que estamos olhando parcialmente o 'Caso Dora'. Nele, a compreensão freudiana da função da sexualidade na subjetivação é muito mais complexa, ainda que não completamente sistematizada, o que nos permite desenvolver compreensões parcializadas, como aqui fazemos.
4. Dizemos que caricaturamos, pois a crise da 'neurótica' não se dá unicamente, como continuaremos a argumentar, pelo confronto com a fantasia e nem tem como consequência a sua substituição pela fantasia, como mostramos em outro lugar (Celes, 1993 e 1994).
5. Muitos anos depois, Freud literalmente a retoma (cf., por exemplo, Freud, 1918b [1914]; p. 187).
6. Não é propriamente hora de traçarmos o caráter do esforço freudiano de construção da psicanálise. Um exemplo disso, esbocei-o em artigo recentemente publicado (Celes, 1993b).
7. Nesta passagem, estou usando o termo 'vivências' no sentido de 'afetações', de 'ser afetado'. Esta precisão se faz necessária para distingui-lo do sentido próprio de 'vivência' que se constitui no *só depois da significação*. A noção de 'acontecimento' que Figueiredo trás de Heidegger para a análise parece-me ser adequada para expressar o sentido que na passagem estamos utilizando, precisamente aquilo que Figueiredo elucida como a primeira fase do acontecimento (Figueiredo, 1994, p. 149 et seqs.). No entanto, a utilização da noção de 'acontecimento' neste texto requereria um esforço crítico de mudança de nomenclatura que, por economia, não faço aqui.
8. A ligeireza com que utilizo a partícula alternativa 'ou' não deve deixar entender que historiação (ou historicização) e temporalização sejam noções aqui intercambiáveis. Mesmo porque historicização supõe uma temporalização, parecendo ser esta mais primária do que a outra. Em Freud, podem-se encontrar tanto preocupações temporalizantes quanto historicizantes. Talvez seja um exemplo da primeira preocupação a insistência de Freud em marcar, nos relatos de casos clínicos, o tempo preciso na história dos pacientes das recordações lembradas ou construídas em análise (aliás, diga-se de passagem, que essa insistência característica dos relatos freudianos não me parece ainda suficientemente destacada como questão e muito menos compreendida quanto ao que as enseja e quanto aos seus efeitos ou ganhos, seja considerando-se o percurso analítico ou a construção psicanalítica). A preocupação historicizante, por outro lado, aparece explicitada, por exemplo, em 'Construções em análise' (Freud, 1937d; p. 4. Construcciones en el análisis. In: __. *Obras completas*, v. XXIII.) quando Freud

fala da função essencial das 'construções' como sendo a de completar o quadro da história inicial dos pacientes, cujos fragmentos teriam sido esquecidos ou mesmo não formulados historicamente. Além disso, no que diz respeito à psicanálise, parece ser necessário distinguir diversas formas de historicização. Por exemplo, e utilizando-me livremente de certas noções lacanianas, poder-se-ia distinguir historicizações imaginárias de historicizações simbólicas.

9. Todos sabemos o quanto o embate de Freud com Jung, em defesa do dualismo pulsional, teve o sentido de preservar a especificidade da psicanálise.

Referências bibliográficas

- CELES, Luiz A. M. (1991). *Sexualidade e subjetividade nos inícios da psicanálise; um estudo do Caso Dora*. Rio de Janeiro, PUC. Tese de Doutorado.
- ____ (1993). *Teoria da sexualidade e teoria do psiquismo; posições relativas na construção inicial da psicanálise*. (Inédito.)
- ____ (1993b). A fragmentação na elaboração freudiana: notas sobre o "eu" no "Caso Schreber", *Percurso*, São Paulo. 6 (11): 35-43.
- ____ (1994). *Sexualidade e subjetivação; um estudo do Caso Dora*. Brasília, UnB. (No prelo.)
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. (1994). *Escutar, recordar, dizer; encontros heideggerianos com clínica psicanalítica*. São Paulo, Escuta-Educ. (Ensaio: Filosofia e Psicanálise.)
- FREUD, Sigmund. (1896a). La herencia y la etiología de las neurosis. In: __. *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu. v. 3.
- ____ (1896b). Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa. In: __. Op. cit. v. 3.
- ____ (1896c). La etiología de la histeria. In: __. Op. cit. v. 3.
- ____ (1900a [1899]). La interpretación de los sueños. In: __. Op. cit. v. 4 e 5.
- ____ (1905e [1901]). Fragmento de análisis de um caso de histeria ('Caso Dora'). In: __. Op. cit. v. 7.
- ____ (1916-1917 [1915-1917]). Conferencias de introducción al psicoanálisis. In: __. Op. cit. v. 15-16.
- ____ (1918b [1914]). De la historia de una neurosis infantil. In: __. Op. cit. v. 17.
- ____ (1920g). Más allá del principio de placer. In: __. Op. cit. v. 18.
- ____ (1923e). La organización genital infantil. In: __. Op. cit. v. 19.
- MAHONY, Patrick (1992). *Gritos do Homem dos Lobos*. Rio de Janeiro, Imago.